

Análise E Diagnose De Erros: Uma Técnica Pertinente As Variedades Linguísticas Em Sala De Aula

ANALYSIS AND DIAGNOSIS OF MISTAKES: A TECHNIQUE AS PERTINENT LINGUISTIC VARIETIES IN THE CLASSROOM

Ligiane Aparecida **BONACIN**¹

Resumo: Do ponto de vista histórico, as variedades linguísticas sempre estiveram à margem do ensino de língua portuguesa em sala de aula, uma vez que há muito tempo a escola vem se dedicando apenas à exigência da norma culta, por isso acredita-se que o ensino não deva ter a finalidade de condenar ou eliminar a língua que se fala em casa ou na comunidade, mas ao contrário, somado ao domínio de outras variedades linguísticas, tornar os educandos preparados para se comunicarem, sabendo empregar de modo adequado às mais diferentes variedades. Por isso, pensando nessa situação dispare entre as pesquisas acadêmicas e a prática colocada em sala de aula, esse artigo volta-se aos professores que estão fora dos centros de pesquisas da atualidade, objetivando levar até eles uma técnica pedagógica elaborada por Bortoni-Ricardo, (2004; 2005), a fim de que ao divulgar tal técnica o docente seja capaz de tornar seus discentes aptos a perceberem o valor e o estigma que as variedades do português brasileiro possuem, fazendo referência a uma pedagogia da variação.

Palavras-chave: Variação linguística. Preconceito linguístico, técnica pedagógica.

Abstract: From a historical perspective, the linguistic varieties have always been on the margins of the Portuguese language teaching in the classroom, once a long time the school has been dedicating only to the requirement of the standard-cultured, so it is believed that education must not be the purpose of condemning or eliminate the language spoken at home or in the community, but rather added the field of other linguistic varieties, making prepared to communicate with students, knowing the proper way to employ more different varieties. Therefore, thinking of this adverse conditions between academic research and the practice made in the classroom, this article turns to the teachers who are out of research centers today, aiming to bring them a teaching technique developed by Bortoni-Ricardo, (2004; 2005), so that the promotion of such a technique the docent is able to make his/her students able to realize the value and the stigma that varieties of Brazilian Portuguese have, referencing a pedagogy of variation.

Keywords: Linguistic Variation. Linguistic prepossession, pedagogical technique.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da linguagem da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Pós-graduada em nível de especialização em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), câmpus Jacarezinho. Endereço eletrônico: ligi_bonacin@hotmail.com.

Introdução

Ao percorrermos as salas de aulas atuais, observamos uma disparidade entre o que pregam os documentos oficiais, pesquisas acadêmicas sobre o tema e o que realmente tem sido colocado em prática nas salas de aulas. Pesquisas como as de Cyranka (2011), Botassini (2013) e Marques (2013) demonstram que dentro da sala de aula ainda se nota preconceito por parte de alunos e professores em relação às variedades que fogem da norma culta. Há entre esses alunos e professores, muitas vezes, a crença de que só será considerada uma boa aula de português, se no decorrer da mesma, o trabalho se pautar nas normas e regras que a gramática normativa vem exigindo há anos, ou ainda o equívoco de que só fala corretamente quem fala de acordo com a norma culta.

Através de muitos estudos atuais linguísticos, sabemos que tais equívocos devem ser desconsiderados das salas de aulas, o que não corresponde em excluir a gramática da sala de aula, mas trabalhá-la de modo contextualizado. É nesse sentido que este artigo tem como objetivo principal defender uma pedagogia da variação, conduzindo o professor a entender a importância de possibilitar a seus alunos a utilizarem o conjunto de variedades que o português brasileiro possui, de modo a conscientizá-los das variedades do português que vão desde os estilos mais formais até os coloquiais, a fim de que o alunado ao se apropriar desse conhecimento se torne conseqüentemente falante competente e um juiz menos preconceituoso em relação às variedades existentes.

Em razão disso, apresentamos uma técnica elaborada pela linguista (Bortoni-Ricardo, 2005), nomeada de “análise e diagnose de erros no ensino da língua materna” (p. 54), a qual pode contribuir, segundo a autora, para racionalizar e explicar as avaliações subjetivas do professor.

Norma culta *versus* variedade coloquial

No Brasil existe, historicamente, um problema de entendimento, principalmente, na prática de sala de aula, do que seja a norma ou língua culta, uma vez que ela é confundida como sendo a norma ou língua padrão (FARACO, 2004). “A norma padrão se refere às formas contidas e prescritas nas gramáticas normativas, sendo então um ideal abstrato de língua “certa” enquanto que a norma culta seria aquela efetivamente usada pelas pessoas escolarizadas” (BAGNO, 2004, p. 126).

Mesmo que o Brasil seja por origem o país da heterogeneidade, não só cultural, mas também linguística, que é reflexo de sua colonização, não havia entre os gramáticos a admissão de variedades linguísticas em sala de aula, uma vez que se a variedade fosse considerada distante da norma culta, conseqüentemente seria excluída e taxada como errada. Nesse sentido é que Oliveira (2008) assegura que

A história do preconceito linguístico no Brasil remonta e coincide com a implantação da língua portuguesa em solo nacional, de forma cabal e definitiva, a partir de 1758, com a Lei do Diretório dos Índios. A partir dessa medida, Portugal expulsa os jesuítas do país, praticamente silencia a língua geral, ou tupi da Costa, a língua veicular de índios, brancos e negros até então, e impõe efetivamente o português. (p. 83).

Assim entra no cenário linguístico brasileiro, ao longo do século XIX, um elemento novo, o policiamento gramatical, que passou a ser parte das preocupações da chamada elite brasileira e que persiste até hoje, e entrou como fator sociolinguístico significativo para a sociohistória do português brasileiro. O que ocorria é o que Zanini (1999, p. 80) definiu como “coloca-se, de um lado, o professor detentor do saber, com a responsabilidade de transmitir conteúdos - e, de outro, está o aluno recipiente desses conteúdos”.

Somente com o advento da Sociolinguística nos Estados Unidos, nos anos 60 do século XX, é que os fatores sociais, sob forma de variáveis intervenientes no uso linguístico, passaram a ser considerados efetivamente na investigação desses usos. Assim, “a diversidade linguística ganhou relevância como objeto de pesquisa, relacionada à identidade social do emissor, do receptor, às marcas do contexto social e ao julgamento do próprio uso e do uso dos interlocutores” (OLIVEIRA, 2008, p. 117-118). E é por isso Mattos e Silva (2004) defende que,

Reduzindo tudo isso a nossa questão central, a escola brasileira hoje não tem mais como dar conta da transmissão do padrão linguístico preconizado pela tradição normativa, encontram-se na escola estudantes e professores, provenientes de diversificadas camadas populares brasileiras, portadoras de variantes linguísticas que se afastam do dialeto padrão que a escola pretende treinar e transmitir. (p. 136).

Mais próximo aos nossos dias, Bortoni-Ricardo (2004) revela-nos que o português brasileiro apresenta-se em uma constante mudança, não apenas como estando em uma situação diglôssica², mas como um *continuum* dialetal que tem nos extremos as variedades ou dialetos mais

² Ferguson definiu diglossia como a coexistência em uma mesma comunidade de duas formas linguísticas, que ele batiza de “variedade baixa” e “variedade alta”. Mais sobre assunto em Calvet (2002, p.59)

simplificados que são, em geral, a expressão de falantes não-urbanos e não escolarizados; e no extremo oposto a variedade culta expressa, sobretudo na escrita que persegue o normativismo tradicional. Por isso, é necessário que o professor auxilie o aluno a conhecer e compreender essas variedades, pois, segundo Bortoni-Ricardo (1986), a variação no português se dá através de três contínuos: “de urbanização, de oralidade-letramento, de monitoração estilística” (p. 10), sendo divididas em extremidades que se colocam de um lado os dialetos isolados e de outro a variedade padrão, falada em áreas urbanas pelos grupos sociais com alto nível de instrução.

Para autora, *o contínuo de urbanização* se caracteriza por ser a linha em que em uma das pontas, estão situados os falares rurais mais isolados; na outra ponta, estão os falares urbanos, que, ao longo do processo sócio-histórico foram sofrendo a influência de codificação linguística, tais como a definição do padrão correto de escrita, também chamado ortografia do padrão correto de pronúncia ou ortoepia, na composição de dicionários e gramáticos. Já os falares rurais ficam muito isolados pela dificuldade geográfica de acesso, como rios e montanhas, pela falta de meios de comunicação, diferente das comunidades urbanas que sofriam a influência de agentes padronizadores da língua (organizações religiosas, políticas e comerciais).

No espaço entre os pólos urbano e rural estão às variedades *rurbanas*, as quais, de acordo com Bortoni-Ricardo (2004), usadas pelo grupo *rurbano* se distingue das demais por ser formada pelos migrantes de origem rural que preservam muito de seus antecedentes culturais, principalmente no seu repertório linguístico. Também formada pelas comunidades interioranas, residentes em distritos ou núcleos semi-rurais, que estão submetidos à influência urbana, seja pela mídia, seja pela absorção de tecnologia agrária.

Desta forma, o contínuo de urbanização não possui fronteiras rígidas que separam os falares rurais, *rurbanos* ou urbanos, uma vez que as fronteiras são fluidas e há muita sobreposição entre esses tipos de falares. Neste contínuo, observam-se expressões e palavras que não são usadas com frequência na linguagem culta, pois são típicas dos falares do pólo rural e que vão desaparecendo à medida que nos aproximamos do pólo urbano, tendo, portando, dois traços, um deles de distribuição descontínua, porque seu uso é “descontinuado” nas áreas urbanas. Caracterizam-se dentro desse traço palavras como “inté”, “prantei”, “percisa”, “foia”. E o segundo traço está presente na fala de todos os brasileiros, chamados de graduais, exemplos: “limoero”, “dexeí”, “tive”.

O próximo contínuo estipulado pela linguista é nomeado de contínuo de oralidade e letramento, e caracteriza-se por situar o falante de acordo com seu antecedente e seus atributos,

levando em consideração os eventos mediados pela língua escrita, por isso, eventos de letramento.

O terceiro e último contínuo revelado por Bortoni-Ricardo (2004) é o de monitoração estilística, o qual se preocupa com o contexto em que as interações acontecem, levando em consideração o ambiente, o interlocutor e o tópico da conversa, revelando-nos como podemos mudar de estilo, conforme as condições da interação. Por exemplo, Camacho (2010) expõe que,

Um professor universitário, por exemplo, pode pôr-se às voltas com pelo menos três diferentes situações linguísticas: no restaurante universitário, conversando banalidades com seus alunos; na sala de aula, exercendo sua profissão e no auditório, dando uma palestra. É óbvio que, conforme aumenta o grau de formalidade dessas diferentes circunstâncias, maior é o uso de variantes-padrão. Assim, na situação de conferencista, não soaria adequado o emprego de *cê*, por *você*, por exemplo, de *tá*, por *está*, perfeitamente plausíveis na conversa informal do restaurante universitário. (p. 41-42).

Desta maneira, ao propiciar todos os contínuos em que as variedades linguísticas poderão aparecer, o professor poderá levar o aluno a ter uma visão menos preconceituosa em relação às variedades.

Camacho (1988) afirma que o professor deve eliminar de seu vocabulário a dicotomia correto/incorreto, substituindo-a por formal/informal. Isso proporcionará ao aluno, segundo o autor, um número maior de formas alternativas de expressão verbal, tornando-o capaz de distinguir uma da outra, colocando-as em situações diversas de comunicação. “Fazendo isso à escola terá cumprido eficientemente sua tarefa, como agência de socialização imprescindível para os setores desfavorecidos da sociedade” (CAMACHO, 1988, p. 40).

O que dizem os documentos?

Ao refletirmos sobre a situação da variação em sala de aula, faz-se necessário revelarmos que os próprios documentos oficiais tem exigido tal estudo. Por exemplo, orienta os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997):

Expandir o uso da linguagem em instâncias privadas e utilizá-la com eficácia em instâncias públicas, *sabendo assumir a palavra e produzir textos – tanto orais como escritos* – coerentes, coesos, adequados a seus destinatários, aos objetivos a que se propõem e aos assuntos tratados;

Utilizar diferentes registros, inclusive os mais formais da variedade linguística valorizada socialmente, sabendo adequá-los às circunstâncias da situação comunicativa de que participam;

Conhecer e respeitar as diferentes variedades linguísticas do português falado;

Compreender os textos orais e escritos com os quais se defrontam em diferentes situações de participação social, interpretando-os corretamente e inferindo as intenções de quem os produz;

Utilizar a linguagem como instrumento de aprendizagem, sabendo como proceder para ter acesso, compreender e fazer uso de informações contidas nos textos: identificar aspectos relevantes; [...]

Valer-se da linguagem para melhorar a qualidade de suas relações pessoais e opiniões, bem como de acolher, interpretar e considerar os outros, contrapondo-os quando necessário;

Usar os conhecimentos adquiridos por meio da prática de reflexão sobre a língua para expandir as possibilidades de uso da linguagem e a capacidade crítica;

Conhecer e analisar criticamente os usos da língua como veículo de valores e preconceitos de classe, credo, gênero ou etnia (BRASIL, 1997, p. 33 - grifos nossos).

Ao nos reportarmos a essas diretrizes, traçamos aos docentes quais seriam suas obrigações para que haja uma pedagogia da variação dentro de sala de aula, os incisos revelam que a linguagem deva ser vista não apenas como instrumento de comunicação mas também como ferramenta para a aprendizagem. Assim, há uma requisição para que a escola crie condições de tornar sua clientela capaz de interagir nos mais diferentes contextos de atuação, sendo capaz de utilizar o estilo condizente ao ambiente em que esteja inserido. Permitindo que os indivíduos sejam leitores e/ou escritores competentes, capazes de interpretar e gerenciarem as informações cedidas nos mais diferentes tipos de enunciados produzidos socialmente.

Para Camacho (1988):

Cabe, portanto, ao sistema escolar a tarefa essencial de oferecer à criança, no tocante ao ensino da língua materna, os instrumentos necessários para que ela possa adequar seu ato verbal às necessidades reais que lhe impõe a situação: basicamente o ensino de padrões linguísticos de prestígio para as situações mais formais, ao lado das formas coloquiais adequadas para situações correlatas. (p.40).

Análise e diagnose de erros no ensino da língua materna

Ressaltamos nossa intenção, neste trabalho, de divulgar ao professorado uma técnica produzida por Bortoni-Ricardo (2005) que permite identificar erros, destacando a importância de o professor estar atento a tais erros, pois, através da constatação é que é possível realizar um trabalho mais específico e eficaz, melhorando assim a aprendizagem em sala de aula.

Nosso intuito ao divulgar tal técnica é o de proporcionar aos professores uma metodologia que permita além da identificação dos erros, apresentar recursos para que as

ocorrências e recorrências dos erros sejam superadas pelos alunos. O que exige uma postura menos preconceituosa do professor, resultando em uma diminuição das ocorrências de erros.

O modelo linguístico de análise e diagnose de erros recorre à elaboração de escalas que se baseiam nos componentes da gramática: do morfema, da palavra, da frase, da oração e do período. Por consequência, foram postuladas por Bortoni-Ricardo (2005) categorias de natureza sociolinguística, visando ao ensino da escrita e dos estilos monitorados da língua, para que seja possível entender em que categoria cada erro pertence. A saber:

1. Erros decorrentes da própria natureza arbitrária do sistema de convenções da escrita;
Os pontos seguir se referem aos erros decorrentes da transposição dos hábitos da fala para a escrita:
2. Erros decorrentes da interferência de regras fonológicas categóricas no dialeto estudado;
3. Erros decorrentes da interferência de regras fonológicas variáveis graduais;
4. Erros decorrentes da interferência de regras fonológicas variáveis descontínuas. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 54).

Para demonstrar sua aplicabilidade, expomos o exemplo que a autora trouxe a partir de um texto produzido por um adulto nascido, criado e alfabetizado na zona rural, em Minas Gerais, e radicado a quinze anos na região metropolitana de Brasília (DF), quando da produção do texto.

“Em 25/06/1946, dias de São João, eu, falano de tal, mineito (3) estimado grasaza (2) Deus, fui convidado para uma festa de São João na bera (3) do ribirão (3) da Tacuara (1) na casa do meu padrim (4) Juaquim (2) Francisco.” Ele era pai adotivo de Joano Gorge (1) da Silva. Veja uque(2) aconteceo (2): a Joana estava noiva faltando 8 dias para casar. U (2) noivo era um primo dela cujo o nome del (4) era fulando de tal. Após a minha xegada (1), ela veimí (4,2) receber com um oliar (3) carioso (3). Recebi um aprto de mão acuso(3) o meo (2) coração. Comesamos (1) a nomorá (3). (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 58)³.

Ao analisar o texto, Bortoni-Ricardo (2005) faz apontamentos sobre os erros e os classifica conforme as quatro categorias mencionadas: (1) a ocorrência de relações plurívocas (não equivalentes) entre fonema e letra, uso de diacrítico; (2) foram encontrados erros de vocábulo fonológico constituído de duas ou mais formas livres ou dependentes grafados como um único vocábulo formal, neutralização das vogais anteriores /e/ e /i/ e das posteriores /o/ e /u/ em posição pós-tonica e pretônica, nasalização do ditongo em “muito” por assimilação progressiva; (3) são os erros que funcionam como indicadores de variedades sociais, diastráticas, mas também

³ Texto na íntegra in: Bortoni-Ricardo, *Análise e diagnose de erros no ensino de língua materna*, (2005,p.58)

como marcadores de registro entre falantes na língua culta, ocorrendo com maior frequência nos registros não monitorados, deste modo foram encontrados erros como a despalatização das sonorantes palatais (lateral e nasal) ex. olhar>> oliar. Monotongação de ditongos decrescentes. Ex. beira>>bera. Desnalização das vogais átonas finais. Ex.homem>>homi. Assimilação e degeminação do /nd/:/nd>>mn>>n/ ex. mostrado>>mostranu. Queda do /r/ final nas formas verbais; (4) inclui os traços descontínuos, privativos de variedades rurais e/ou submetidas a forte avaliação negativa, foram encontrados semivocalização do /lh/ ex. velho>>veio; Epítese do /i/ após sílaba final travada. Ex. paz>>pazi; Troca do /r/ pelo /l/ ex. sirva>> silva. Monotongação do ditongo nasal em “muito”>>mutu; Supressão do ditongo crescente em sílaba final. Ocorrem dois casos, com ditongo oral e nasal, respectivamente. Ex. Veio>> vei; Simplificação dos grupos consonantais no aclave com a supressão da segunda consoante. Ex: dentro>> dentu.

Está análise, em categorias sociolinguísticas, apesar de se caracterizar ainda preliminarmente, permite a ordenação dos erros numa série implicacional. Com exceção da categoria (1), relacionada à eficiência das técnicas de alfabetização e do treinamento da escrita, a incidência das demais depende dos antecedentes sociolinguísticos do aluno. É razoável esperar-se que o aluno que apresente os erros de categoria (4) apresente também os de categorias (3) e (2). Da mesma forma, a presença da categoria (3) deverá implicar a (2).

Ao importarmos sua técnica, nosso intuito se fez em destacar a importância desta análise, uma vez que ela irá requerer do professor acurado conhecimento sobre as variedades populares do português do Brasil, sendo possível revelar o perfil sociolinguístico dos alunos, o que servirá de subsídio para a elaboração de estratégias pedagógicas e de material didático adequado, resultando em um “*feedback*” para o processo da descrição sociolinguística. De modo que o professor apresente uma proposta de escrita e leitura mais adequada e comprometida com uma pedagogia culturalmente sensível.

Considerações finais

Esperamos por meio da discussão apresentada, que as variedades possam ser estudadas com maior ênfase, de modo que o aluno torne-se capaz de fazer uso dos mais diferentes estilos de fala para se comunicar.

Nosso intuito ao apresentar a proposta de análise e diagnose dos erros produzidos pela linguista Bortoni-Ricardo (2005), foi levar aos professores uma metodologia mais sensível aos

erros cometidos na escrita de muitos alunos, de modo que ao conhecer tal técnica, o professor possa apropriar-se desse conhecimento e posteriormente venha transformar suas aulas de língua portuguesa do modelo normativo tradicional fixado em regras decorativas e prescritivas.

Concordamos com a linguísta Mattos e Silva (2003) na assertiva de que,

Os dados revelados nas pesquisas sociolinguísticas atuais apontam para o surgimento de uma nova gramática, sugerindo que haja mudanças na maneira como os professores regem suas aulas de língua portuguesa, que deverá passar por uma reestruturação. Deixando a cargo do professor de português tomar ciência e conhecimento da complexidade dessa variação para melhor conduzir o seu ensino de português no sentido de não assoberbá-lo com as regras de uso (p. 68).

Entendemos da mesma forma, que muito ainda teria de ser feito no sentido de uma mudança política radical, e no bojo, uma mudança profunda na política educacional, com reformas, reformulações e revisões da estrutura educacional no Brasil, desde os níveis mais profundos aos mais superficiais, em todos os graus da escolaridade, sempre com a intenção explícita de melhorar a situação educacional.

Por isso, esperamos que nosso artigo tenha contribuído com o professorado na obtenção de uma nova visão para ensinar, sendo capaz de combater o estigma associado as variantes de pouco prestígio social, sendo capaz de incorporar a sua prática pedagógica em sala de aula atitudes menos preconceituosas em relação as variedades que fogem da norma culta, adimtindo que não há uma língua homogênea.

Referências

- BAGNO, Marcos. *Norma lingüística*. Edições Loyola, São Paulo, 2001
- _____. *Preconceito Lingüístico: o que é como se faz*. – Edições Loyola, São Paulo, 49ª edição, 2007.
- BORTONI-RICARDO, Stella. Maris. *Educação em língua materna: a sociolingüística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- _____. *Nós chegemu na escola, e agora?: Sociolingüística e educação*. São Paulo. Parábola, 2005.
- BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. *Crenças e atitudes lingüísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no Norte do Paraná*. 2013. 227 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. - *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/* Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAMACHO, Roberto G. *A Variação Lingüística*. In: Subsídios à Proposta Curricular de Língua Portuguesa para 1º e 2º graus. São Paulo, SE/CENP. 1988, 3 v, p.29-41
- _____. *Norma culta e variedades lingüísticas*. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - São José do Rio Preto – Unesp. Ano? 34-49 – Disponível em <<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40354/1/01d17t03.pdf>> acesso em 08 de março de 2014

- CASTILHO, Ataliba T. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo. Contexto. 1998.
- CYRANKA, Lúcia Furtado de Mendonça. *Atitudes linguísticas de alunos de escolas públicas de Juiz de Fora - MG*. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) _Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói, 2007.
- MARQUES, Taciane Marcele. *Por uma pedagogia da variação linguística: atitude linguística em sala de aula*. 2013.147f. Dissertação. (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.
- MATOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português são dois: variação, mudança, norma e a questão do ensino de português no Brasil*. In: *O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas*. São Paulo: Parábola. 2004.p.128-151
- _____, *Contradições no ensino de português: a língua que se fala versus a língua que se ensina*. 6ª ed. São Paulo. Contexto, 2003. p.53-77
- OLIVEIRA, Mariângela Rios de. *Preconceito lingüístico, variação e o papel da universidade*. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Preconceito lingüístico e cânone literário, p. 115-129, 1. (seminário). 2008, p. 115-129.

Recebido em 07/2014.

Aceito em 09/2014.